

RESENHA/REVIEW

MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Orgs.).
Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso. Belo Horizonte:
Ed. UFMG, 2009. 389 p.

Resenhado por/by:
Heloísa Pedroso de Moraes FELTES
(Universidade de Caxias do Sul, RS)
Aline Aver VANIN
(PUCRS)

A resenha desta obra tem dois objetivos: (1) Apoiar sua divulgação entre estudiosos interessados em ampliar suas perspectivas de pesquisas ou ratificar suas escolhas a partir de resultados obtidos em linhas de pesquisa de programas de pós-graduação que possuem potencial para desenvolver investigações com excelência, como é o caso do “projeto investigativo liderado, na última década, pelo GP Gramática e Cognição [...], o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG)”, conforme Miranda (p. 9); e (2) Estimular estudantes de graduação e de pós-graduação a investir em pesquisas que seguem as tendências atuais das comunidades científicas internacionais. Em ambos os casos, oportuniza-se a ampliação de um corpo de pesquisas que avancem epistemológica, teórica e metodologicamente no âmbito da Linguística. A apreciação da obra *Construções do Português do Brasil – da gramática ao discurso* (CPB) tem a pretensão de investir na consecução desses objetivos. Procuram-se identificar as linhas gerais da abordagem epistemológica que orienta tais estudos, os métodos privilegiados e avaliar as perspectivas futuras de pesquisa que ensejam.

Além disso, esta resenha parte de duas importantes considerações. A primeira é de Rohrer (2006), que afirma: “*Only when Cognitive Linguistics takes its hypotheses to the other cognitive sciences and develop collaborative, cross-*

methodological studies will cognitive linguistics become not just a listening but a speaking member of the family of cognitive science” (p. 139). Estendemos essa colocação para outro contexto: apenas quando os resultados de pesquisas de estudiosos brasileiros, sobre o Português Brasileiro, começarem (i) a ser referência para o desenvolvimento de teorias que importamos de outros centros de investigação no exterior, e, por esse caminho, (ii) serem citadas em, revisadas e aplicadas a estudos desenvolvidos em outros países, é que deixaremos de ser apenas ouvintes para sermos falantes nessas comunidades científicas. A segunda diz respeito ao *Social Turn* em Linguística Cognitiva e nas Ciências Cognitivas: esse implica que resultados de investigações baseadas em dados provenientes de diferentes línguas, cujos contextos históricos e socioculturais podem prover evidências convergentes para hipóteses teóricas sobre a problemática da universalidade e da variação, deveriam, por questões metodológicas, ser acolhidos pela comunidade científica internacional. A obra *CPB* reúne estudos que têm o potencial para alcançarmos o que essas considerações tematizam.

A cuidadosa Apresentação (p. 9-17), de Neusa Salim Miranda, fornece a arquitetura geral da obra, organizada em quatro Partes, respectivamente: (I) O Estado de Arte, com dois capítulos (p. 20-74); (II) Construções Sintáticas, com quatro capítulos (p. 76- 176); (III) Construções Lexicais, com três capítulos (p. 178-257); e (IV) Construções Discursivas, com cinco capítulos (p. 260-370). As Referências Bibliográficas reúnem as obras referidas em todos os capítulos, fornecendo-nos, de forma econômica, o quadro de autores cujas propostas são revisadas, aplicadas, criticadas ou que constituem o contexto de debates no qual tais propostas se situam.

A organização do livro direciona opções de leitura entre diferentes temas de pesquisa na Linguística Cognitiva, em domínios ainda em fase de exploração, delineando possibilidades de interfaces intra e interdisciplinares. Miranda destaca que há uma grande diversidade temática sob o escopo da Gramática das Construções (GC), mas que essa integra a investigação e a exploração de elementos que repetidamente vinham sendo analisados a partir de uma visão estanque de língua, desconsiderando, em diferentes graus, o uso e a influência do contexto.

A primeira parte apresenta um panorama geral sobre o estado da arte da GC. Maria Margarida Martins Salomão, no primeiro capítulo, intitulado *Teorias da linguagem – a perspectiva sociocognitiva*, caracteriza o

programa investigativo do projeto sociocognitivista. A natureza cognitiva da linguagem natural é uma noção central nesse paradigma, que defende o caráter processual do significado e concebe a gramática como uma rede de construções, no contínuo entre sintaxe e léxico, estabelecido no uso e pelos processos que evidenciam o caráter inferencial da significação. Conforme Salomão, pela Hipótese Sociocognitiva da Linguagem: “Além de organizar lexical e gramaticalmente os domínios conceptuais em termos da perspectiva que se possa adotar sobre eles, as categorias linguísticas também se aproximam das demais categorias cognitivas e sociais em termos de sua organização interna” (p. 24). Através das noções de prototipia, de radialidade e de figura/fundo da semântica dos enquadres, a autora resume como se pode operar com a hipótese teórica de um *continuum* entre linguagem humana e as demais capacidades cognitivas.

O capítulo 2, *Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua*, também de Salomão, é uma síntese da GC, a partir da qual os 12 capítulos seguintes se baseiam. Para Salomão, há três consensos teóricos a partir dos quais a GC se fundamenta: (1) construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico; (2) construções são pareamentos de forma e sentido; e (3) a gramática é uma rede de construções. Com isso, o projeto construcionista de gramática a trata como gerativa, simbólica e baseada no uso, e ambiciona delinear padrões para a descrição de todas as línguas por meio do tratamento de léxico e sintaxe como contínuos.

Como afirma Goldberg (2006), o termo “constructionista” tem mais de uma associação pretendida: “The primary motivation for the term is that constructionist approaches emphasize the role of grammatical CONSTRUCTIONS: conventionalized pairings of form and function. In addition, constructionist approaches generally emphasize that languages are learned – that they are CONSTRUCTED on the basis of the input together with general cognitive, pragmatic, and processing constraints” (p. 3). Salomão torna essa abordagem ainda mais clara fornecendo exemplos e destacando diferenças entre modelos de GC. Deixa claro que “não existe [...] uma gramática universal das Construções” (p. 45). Entre as contribuições deste capítulo destaca-se seu papel em orientar leituras sobre GC e em delinear a perspectiva que atravessa os estudos nos demais capítulos, em consonância com o que Mirjam Fried, no site oficial das GC, afirma: “At the heart of what shapes Construction Grammar is the following question: what do speakers of a given language have to know and what can they

‘figure out’ on the basis of that knowledge, in order for them to use their language successfully?’. Segundo Fried, a GC (entendida por nós como uma categoria de gramáticas) tem um caráter holístico, situada num quadro teórico-metodológico baseado no uso, com o compromisso de tratar todos os tipos de expressões linguísticas como igualmente centrais para capturar “grammatical patterning [...] and in viewing all dimensions of language (syntax, semantics, pragmatics, discourse, morphology, phonology, prosody) as equal contributors to shaping linguistic expressions.”. Para a autora, a GC já pode ser considerada madura em suas bases teóricas e em suas representações descritivo-explicativas formais. Como é repetidamente afirmado ao longo da CGB, a base sociocognitiva e funcional da GC é gerativa (à medida que certos mecanismos e operações podem ser aplicados a diferentes construções, do nível da estrutura morfológica até o discurso), não derivacional, monoestratal, com o compromisso de incorporar as bases cognitivas e funcionais da linguagem em uso. E reforçando o que já se explora na obra CPB, a *Frame Semantics*, segundo Fried, ofereceria um meio de estruturar e representar o significado à medida que leva em consideração as relações entre, por exemplo, significado e padrões gramaticais. O significado deve ser aqui entendido em seu sentido amplo, cobrindo a semântica lexical, a pragmática e a estrutura do discurso, pois a gramática, nessa visão, “consists of intricate networks of overlapping and complementary patterns that serve as ‘blueprints’ for encoding and decoding linguistic expressions of all types.”. Ou seja, a gramática é uma “rede construções” articulável produtivamente em diferentes níveis da análise linguística. Entretanto, Salomão, mesmo admitindo, como Fried o faz, a maturidade das bases teóricas da GC, após comentar os diferentes empreendimentos construcionistas, conclui, criticamente, que: “À parte as preferências notacionais dos pesquisadores mencionados [entre outros: Fillmore e Kay, Adele Goldberg e colaboradores, Jackendoff, Croft, Tomasello] há questões empíricas a decidir, destacadamente o caráter das relações de herança e a natureza das conexões entre expressões formais e estruturas conceituais. Ambos os problemas requerem refinamento teórico e testagem empírica” (p. 72). Essa colocação sinaliza, ao mesmo tempo, para três pontos a serem considerados nas leituras dos capítulos da obra: (i) para os resultados de um estudo cuidadoso da literatura, especificamente para as bases teóricas da CG; (ii) para a diversidade de formalizações que são utilizadas em cada proposta; e (iii) para seu caráter ainda aberto no que se refere a questões empíricas ainda em discussão.

No terceiro capítulo, *O enquadre gramatical da interdição ou “Para bom entendedor meia palavra basta”*, de Lucilene Hotz Bronzato, é examinada a destransitivização de verbos que são prototipicamente transitivos. Construções como “Se a menina não quer dar \emptyset , por que vou forçar?” ou “Eu não fumo \emptyset , nem cheiro \emptyset ” são estratégias de interdição em sentenças que carregam tabus sociais, identificadas pelas instruções pragmáticas dadas por imposições sociais. A autora sugere que os falantes seguem regras de adequação de linguagem, como evitar tais tabus, dissimulá-los ou, ainda, usar de eufemismos para encobri-los. A omissão do complemento verbal é tratada como um rompimento de regra de conduta (*construção gramatical de interdição*). O sentido de interdição é resultado de avaliação pragmática de que certas expressões relacionadas a tabus sociais não devem ser mencionadas abertamente.

O capítulo 4, *A construção de ação rotineira no português do Brasil – buscar menino no colégio, pular carnaval na Bahia e jogar lenha na fogueira*, de Maristela Ferreira, analisa, por meio de sentenças aparentemente simples, as redes de elementos culturais, sociais, cognitivos e gramaticais envolvidas nessas composições. A autora confronta uma análise embasada no programa gerativo chomskyano com outra na perspectiva da Gramática das Construções e da Hipótese Sociocognitiva, numa tentativa de estabelecer um diálogo entre as abordagens. Tal interface visa explicar o fenômeno da Construção de Ação Rotineira (“buscar menino” *vs.* “buscar menino no colégio”) nos planos morfossintático, semântico/pragmático e teórico, e defende que quaisquer análises linguísticas devem partir do significante e de suas características formais e conceituais.

No capítulo 5, *A construção de dativo com infinitivo – O homem vai botar uma casa para mim morar... eu nunca pensei nisso*, de Tiago Timponi Torrent, é discutido o Dativo com Infinitivo, ou, esquematicamente, *para X infinitivo* (“para mim fazer”). O autor inicia tratando do tema a partir de uma abordagem cognitivista, baseada na Teoria da Mesclagem e, desse modo, com forte sustentação no significado e no uso. A partir dela, faz uma contraposição com Gramáticas Normativas tradicionais, que insistem em considerar a construção em foco como um erro – sem explicar a causa dessa formulação –, e com a Gramática Gerativa, que traz uma configuração sintática diferente para enunciados do tipo “A Maria fez palhaçadas para *eu* rir.” e “A Maria fez palhaçadas para *mim* rir.”. Contudo, como a análise baseada na compressão de espaços de *input* demonstra, os

aspectos semânticos não levam a construções diferentes, pois o sentido de ambos os enunciados é o mesmo. Segundo o autor, o Dativo com Infinitivo é uma construção que possui elementos semânticos próprios, resultantes, sobretudo, do contexto pragmático e da finalidade relacionada com seu significado.

No capítulo 6, em *Um estudo sobre construções condicionais no Português do Brasil*, Walkyria Scio Bezerra e Fernanda Aparecida Raposo Meireles tratam da formação de condicionais no Português Brasileiro. A primeira autora analisa as construções temporais-condicionais, em que adota a perspectiva de um MCI de ordem cronológica (“O passado é causa do futuro”), fazendo uma ponte com a noção de implicatura convencionalizada, tendo em vista que as relações causais assumem uma característica de ordem temporal (e.g., “Os índios avançaram pela planície e os soldados fugiram em disparada” traz implícita a ideia de sistematicidade, em que *quando x ocorre, ocorre y* – nesse caso, a fuga dos soldados é consequência do avanço dos índios) que, por sua vez, são reinterpretadas como condicionais. Já a segunda autora avalia as construções condicionais contrafactuais, constituídas por um tipo de raciocínio que, “através de uma analogia, busca ressaltar diferenças” (p. 166). Nesse caso, é demonstrado que o raciocínio tem caráter dinâmico, no qual os processos de projecção são a base a partir da qual as construções dessas desanalogias ocorrem. Ambos os estudos focalizam as construções condicionais sob a perspectiva de processos cognitivos dinâmicos como a mescla, a correspondência, MCIs, *frames*, esquemas e espaços mentais (temporários), a fim de demonstrar como ocorre a emergência da compreensão desse tipo de construção.

Os capítulos 7, 8 e 9 dedicam-se à análise de construções lexicais. De um modo geral, tratam, respectivamente, de construções agentivas com sufixos como *x-eiro* (*Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas x-eiro*, de Laura Silveira Botelho); como *x-ista* (*A Configuração da rede de construções agentivas denominais x-ista*, de Crysna Bonjardim da Silva Carmo) e como *x-nte* (*A rede de construções agentivas deverbais x-ente*, de Ana Maria Tavares dos Santos). Tais construções morfológicas derivam de processos de compressão, levando em conta a hipótese de uma composicionalidade fraca, em que se o significado de vocábulos como *padeiro*, *ginecologista* e *cintilante*, por exemplo, se dá por meio de uma visão processual, multidirecional e construcional. Além disso, nesses três estudos, destaca-se a continuidade essencial entre léxico e sintaxe, postulada por Goldberg (1995), em que a organização

conceitual se baseia em termos de redes de construções, e a dependência em fatores pragmáticos para a compreensão e desambiguação dos termos construídos. No detalhe, o capítulo 7 visa explicar por que itens como *laranjeira*, *marqueteiro*, *pulseira* são fruto de processos polissêmicos altamente motivados por relações metafóricas e metonímicas. Demonstrando como as construções morfológicas que derivam da estrutura emergente (ou mescla) são resultados de um processo de compressão em uma rede de integração conceitual (mesclagem), a autora explica que a compreensão desses itens se dá porque toda a “historinha” que carregam (e.g. *padeiro* é aquele que faz pão) está comprimida em um único item, ou seja, no agente. A autora defende que a gama de significações revelada pela rede construcional X-iero é essencialmente polissêmica. Desse modo, nega que as redes de integração conceitual que emergem e se entrelaçam sejam homonímicas, como defendido em trabalhos de abordagens formalistas. As análises no capítulo 8 revelam uma rede polissêmica do X-ista, sendo nela centrais processos metafóricos e metonímicos. A autora nega que as redes de integração conceitual que emergem e se entrelaçam sejam homonímicas, como defendido em trabalhos de abordagens formalistas. Sua abordagem abraça a Hipótese Sociocognitiva da Linguagem, aplicando os parâmetros: (i) da afirmação da continuidade essencial entre léxico e gramática, semântica e pragmática, e dicionário e enciclopédia; (ii) da sustentação da concomitância de processos de composicionalidade e multidirecionalidade na integração de esquemas conceptuais (MCIs) e formais que geram construções lexicais; (iii) da postulação de categorias de herança e motivação entre construções lexicais que se configuram em redes de construções, que se estabelecem por projeções variadas a partir de uma construção central; e (iv) do mesmo trato a ser conferido para produções previsíveis regulares e para produções periféricas. A esses parâmetros agrega os da Hipótese da Arquitetura paralela de Jackendoff (2002): (v) da concepção do léxico como um componente de interface da arquitetura paralela; e (vi) da postulação de itens lexicais maiores ou menores que as palavras, entendidas como construções plenas (partes de forma/sentido). O capítulo 9 analisa construções agentivas deverbiais *x-nte*, como *estudante*, *governante*, *hidratante*, *absorvente*. A autora demonstra que o conceito de construção pode ser aplicado aos domínios das redes de integração conceitual lexical e morfológica. Há uma ênfase na interface semântico-pragmática na descrição de construções mórficas agentivas, em que a concepção de léxico se mostra mais flexível do que a de abordagens mais formais, estando ligada, em contínuo, à gramática.

O capítulo 10, *As construções condicionais universais proverbiais no Português do Brasil – quem desdenha quer comprar, Quem semeia vento colhe tempestade*, de Izabel Teodolina de Jesus, investiga formações do tipo [Quem P, Q], base de muitos ditos populares no Português Brasileiro, os quais possuem alta produtividade. Segundo a autora, a construção de significados de provérbios é analisada como nós de uma rede que se origina devido à multidirecionalidade dos processos de significação e pela existência de uma rede de integração conceitual. Dessa forma, a noção de composicionalidade assume novos contornos, já que o significado não mais se constrói pela soma das partes, mas devido a esses processos de projeção por meio de *blendings* conceituais.

O capítulo 11, *Uma abordagem construcional dos gêneros textuais*, de Glauce Soares Fernandes, visa demonstrar que os gêneros textuais podem ser concebidos como construções, no pareamento de forma e modos de significação, reconhecendo-se, ao mesmo tempo, (i) sua natureza convencionalizada, esquemática; e (ii) seu caráter de estabilidade e flexibilidade. A autora propõe o PANG (Padrão Abstrato Narrativo Generalizado), entendido como um “item lexical complexo armazenado no léxico, constituído prototipicamente por uma sequência narrativa [triádica], que cumpre sua função básica de demarcar os fatos de forma cronológica, estabelecendo as relações de causa e efeito entre os fatos” (p. 287). Em seguida, configura o PD-Piada (Padrão Discursivo do Gênero Piada), seguindo as características que integram o padrão discursivo desse gênero, como os *clusters* de compressão formal e conceptual que o constituem. Várias análises tomam como base a noção de construção e os processos essenciais descritos pela Linguística Cognitiva, como as Teorias dos Espaços Mentais, da Metáfora e da Mesclagem.

O capítulo 12, *A cognição e o disse-me-disse jornalístico*, de Luiz Fernando Matos Rocha, analisa a função do discurso direto em textos jornalísticos escritos, propondo um olhar a partir da Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1994, 1997), e da Teoria da Mesclagem, de Fauconnier e Turner (1996). Rocha argumenta que o sujeito discursivo que reporta diretamente – ou indiretamente – é capaz de lidar com o texto com total liberdade, tentando manter-se fiel ao discurso proferido originalmente. Contudo, o texto comprova que a escrita jornalística não pode ser imparcial, já que esse sujeito que escreve exprime sua opinião através do modo como

narra determinado fato, reveladas pelos verbos *discendi* e *sentiendi*, por exemplo.

O capítulo 13, *Os dêiticos espaciais como instrumento de orientação da atenção*, de Carmen Rita Guimarães Marques de Lima, analisa o papel dos dêiticos *aqui* e *ai* como instrumentos de organização hierárquica da atenção para objetos e eventos. A capacidade de compartilhar a atenção e de usar ferramentas para trazer o foco intencionalmente para determinado ponto são, segundo a autora, atividades de negociação de atenção que tomam parte da atividade comunicativa sem que o ato seja conscientemente analisado. A investigação sobre a dêixis conclui que essa só pode ser analisada através do contexto dinâmico, e que a maioria dos estudos sobre o tema falha em demonstrar o verdadeiro papel sinalizador assumido pelos dêiticos, tendo em vista que, em geral, se assume uma visão estática de contexto. Demonstrando o processamento da interpretação por meio de operações de projeção metafórica, o estudo contribui para sinalizar um novo caminho para a compreensão dessas ferramentas de direcionamento de atenção.

No capítulo 14, que encerra o livro, *O processo de referenciação em contexto de aprendizagem de Língua Estrangeira*, Regina Célia Martins Salomão Brodbeck examina algumas formas pelas quais crianças entre sete e nove anos expressam a referenciação em ações descritivas e narrativas na aprendizagem da Língua Inglesa. De acordo com as hipóteses lançadas e as análises realizadas, o processo de referenciação liga-se fortemente ao contexto dinâmico da comunicação e depende das características do enquadre/moldura da ação (*enquadre clássico escolar* e *enquadre alternativo*) na qual os participantes se engajam. As escolhas sintáticas e lexicais durante a interação conduzem à análise sobre como se organiza a referenciação de entidades em um contexto com moldura previamente construída. Desse modo, a autora destaca o papel relevante da representação mental de determinado evento ou objeto também no uso polissêmico de uma mesma expressão linguística, especificada no momento da interação.

Apesar de não contemplarmos, nesta revisão, a riqueza de detalhes do referencial teórico, dos processos analíticos e dos resultados de cada estudo nos diferentes capítulos, dada a especificidade do aparato analítico, terminologia especializada e dos mecanismos formais de sua demonstração, fica o convite para que se explore essa obra cuja organização reflete a solidez de um projeto investigativo de uma década, conforme Miranda (p. 9).

Cada capítulo colabora para que se amplie a compreensão da perspectiva Sociocognitiva em seu aparato conceitual, metodológico (analítico e explanatório), gradativamente familiarizando o leitor com os autores de referência; com as diferentes abordagens que se complementam, sobrepõem ou que em algum ponto apresentam divergências; com a terminologia especializada; e com o amplo potencial de aplicação a uma variedade de fenômenos linguísticos (-cognitivo/socioculturais).

Conforme Croft (2007): “Construction Grammar is a flourishing area of grammatical theorizing [...]”. É nesse espírito que o convite à leitura e ao estudo desta obra se dá: investir em um campo de investigação potencialmente ilimitado em função dos projetos possíveis para o exame das construções do Português Brasileiro, com base no que já se iniciou com o grupo de estudiosos que se dedicaram a explorá-la, e cujos resultados são animadores.

Recebido em novembro de 2011
Aprovado em fevereiro de 2012
E-mails: helocogn@terra.com.br
aline.vanin@ymail.com

REFERÊNCIAS

- CROFT, William. Construction grammar. 2007. In: Geeraerts, D.; Cuyckens, H. (Eds.) *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, p. 463-508.
- FRIED, Mirjam. *Construction Grammar*. Disponível em <http://www.constructiongrammar.org/>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- GOLDBERG, Adele. 2006. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- ROHRER, Tim. 2007. Three dogmas of embodiment: cognitive linguistics as a cognitive science. In: Cuyckens, H. (Eds.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. New York: Oxford University Press, p. 119-146.